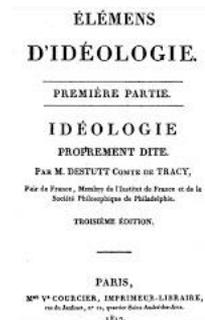


Destutt de Tracy
Elementos de Ideologia.
Primeira Parte.
A Ideologia propriamente dita

Prefácio
da Edição de 1804¹



Ofereço neste momento ao público uma obra que me deu muito trabalho e da qual não espero grande sucesso mas alguma utilidade para a ciência. Apresento-a aos jovens como um plano de estudo, aos conhecedores como uma memória a consultar. A estes últimos devo prestar contas dos motivos que me guiaram e do modo como encarei o assunto.

Se não conhecermos as suas faculdades intelectuais, apenas teremos um conhecimento incompleto de um animal. A Ideologia é uma parte da Zoologia e é sobretudo no homem que essa parte é importante e merece ser aprofundada. De tal maneira que Buffon, eloquente intérprete da natureza, acreditou que não acabaria a sua história do homem sem pelo menos tentar descrever a sua faculdade de pensar. Não direi que essa parte da sua obra não é digna do seu ilustre autor, mas ousarei afirmar que é a que menos satisfaz o leitor atento e o observador escrupuloso. Não devemos espantar-nos com isso pois, de todos os assuntos que tratou, foi o menos estudado

¹ Traduzido a partir do texto da terceira edição 1817, disponível em: http://fr.wikisource.org/wiki/%C3%89l%C3%A9ments_d%27id%C3%A9ologie/Premi%C3%A8re_partie/Pr%C3%A9face

antes dele. E ainda o deve ser. Pela sua natureza, o homem tende sempre ao resultado mais próximo e premente. Antes de mais, pensa nas suas necessidades, depois, nos seus prazeres. Ocupa-se da agricultura, da medicina, da guerra, da política prática, da poesia e das artes, antes de sonhar com a filosofia. Quando regressa a si próprio, quando começa a reflectir e prescreve regras ao seu juízo, temos a lógica, aos seus discursos, temos a gramática, aos seus desejos, e temos isso a que chamamos moral. Acredita estar no cume da teoria e não imagina sequer que pode ir mais além. É só muito tempo depois que começa a suspeitar que essas três operações – julgar, falar e querer – têm uma fonte comum; que, para bem as dirigir, não é preciso ficar pelos seus resultados, antes remontar à sua origem; que, examinando cuidadosamente essa origem, encontrará também os princípios da educação e da legislação; e que esse centro único de todas as verdades é o conhecimento das suas faculdades intelectuais.

Creio que Locke foi o primeiro a tentar observar e descrever a inteligência humana do mesmo modo que se observa e descreve uma propriedade de um mineral ou de um vegetal ou uma circunstância notável da vida de um animal; de tal maneira que fez desse estudo uma parte da Física. Não que antes dele não se tenham adiantado bastantes hipóteses sobre tal assunto ou que não se tenha até dogmatizado com bastante liberdade sobre a natureza da alma; mas foi sempre em vista, não de descobrir a fonte dos nossos conhecimentos, a sua certeza e limites, mas de determinar o princípio e o fim de todas as coisas, de adivinhar a origem e o destino do mundo. Isso é o objecto da Metafísica. Arrumá-la-emos no

conjunto das artes da imaginação destinadas a satisfazer-nos e não a instruir-nos.

Alguns bons espíritos seguiram e continuaram Locke: mais do que qualquer outro, Condillac aumentou o número das suas observações e criou realmente a Ideologia. No entanto, apesar da excelência do seu método e da segurança do seu juízo, não esteve isento de erros. É sobretudo nessa ciência que experienciamos, como teremos oportunidade de observar seguidamente, que as nossas percepções puramente intelectuais são muito fugidias e que quanto menos o objecto das nossas investigações nos leva ao testemunho directo dos sentidos, mais estamos sujeitos a equivocarmo-nos e desencaminhar-nos. De resto, as obras teóricas de Condillac não são senão pedaços soltos, monumentos das suas investigações. Ele apressou-se a aplicar as suas descobertas às artes de falar, raciocinar, ensinar: mas não procurou reuni-las, e em lado algum nos deu um corpo de doutrina completo que pudesse servir de texto às lições de um curso.

Propus-me suprir essa falta. Tentei fazer uma descrição exacta e circunstanciada das nossas faculdades intelectuais, dos seus principais fenómenos e suas circunstâncias mais notáveis, numa palavra, verdadeiros elementos de Ideologia. Não me detive nas dificuldades da empreitada, considerei apenas a sua utilidade. Todavia, não ignoro que, mesmo nas ciências mais avançadas e conhecidas, os livros mais elementares sejam os mais difíceis de fazer. Numa obra de investigação, desde que se digam verdades, cumpre-se a sua finalidade. Em elementos, isso não é suficiente: é preciso ainda dispor as verdades numa ordem conveniente, não

esquecer nenhuma das que são essenciais, pôr de lado as que são abundantes, fazer com que todas se encaixem e apoiem reciprocamente; finalmente, apresentá-las claramente para que sejam entendidas pelas pessoas menos instruídas; certamente, isto é uma grande tarefa a realizar. As dificuldades são maiores quando se trata de uma ciência como esta, que não foi suficientemente cultivada. Frequentemente, ao dar-se conta de um facto, percebe-se que ele exige novas observações e que, melhor examinado, se apresenta com um aspecto completamente diferente. Outras vezes, são os próprios princípios que têm de ser refeitos ou que, para os ligar entre si, há muitas lacunas a preencher; numa palavra, não se trata apenas de expor a verdade mas de a descobrir. Foi isso que tentei fazer, sem me vangloriar de sempre o ter conseguido.

Daí que existam neste escrito muito mais ideias novas do que aquelas que quis. Gostaria que todas as que me parecem justas fossem antigas, estaria mais seguro de não me ter enganado e teria mais esperança de as ver acolhidas. Daí também que, não tendo de enunciar verdades já conhecidas, me visse obrigado a abandonar o tom da narrativa e adoptar o da discussão, de dar a certos princípios um desenvolvimento adequado, não à sua importância ou dificuldade reais, mas ao receio de os ver combatidos e rejeitados, coisa que necessariamente lesa o efeito do conjunto. Certo de que encontraria preconceitos no espírito dos meus leitores, foi obrigado a desarranjar, por vezes, a ordem natural das ideias. Pois, ainda que Condillac sustente, com razão, que um autor deve enunciar claramente o seu pensamento, não dizer senão o que é necessário para o provar e não ter em conta os preconceitos dominantes, e que

virá um tempo em que não será censurado por escrever bem, é, contudo, verdade que não podemos construir sem antes limpar o terreno. Talvez tenha negligenciado em demasia essa precaução. Mas, pelo menos, é certo que a teria em consideração a maior parte das vezes, se não tivesse decidido escrever principalmente para os jovens, que acredito serem os melhores juízes destas matérias.

Esse estado da ciência é também a razão de algumas vezes ter sido obrigado, para bem esclarecer uma dificuldade, a seguir uma ideia mais do que o suficiente nestes elementos. Isso enredou-me em considerações que, aos jovens a quem me dirijo, parecem muito finas e demoradas. Todavia, creio que este último inconveniente é mais aparente do que real. Isto porque, repito, acredito que os jovens são geralmente muito capazes de compreender estas matérias e muito mais dispostos a apreendê-las na sua verdade do que muitos dos homens instruídos que têm opiniões já feitas e hábitos formados.

Por causa de tudo isto, não consegui elaborar bons elementos de Ideologia. Quando considero a que grau de perfeição chegaram as ciências matemáticas, quantos livros elementares existem nessa área, quando escuto diariamente queixarem-se por não haver nenhum que satisfaça plenamente os conhecedores, não poderei gabar-me de ter atingido esse objectivo logo no primeiro lance da ciência que tratei. Mas é realmente preciso começar por alguma coisa. A minha obra é um esboço a aperfeiçoar, um quadro que se pode alargar ou resumir, ou até preencher de maneira diferente; enfim, um ponto de partida para aqueles que percorram o mesmo caminho no futuro: é assim que a apresento ao público. Apenas espero que aqueles que escrevam depois de mim se vejam

obrigados a discutir-me. Isso fará que tenham uma língua comum, pelo meio da qual todos se poderão entender; ao passo que actualmente cada autor tem a sua língua, só a ele familiar. Tinha ainda um outro motivo quando comecei a escrever este pequeno tratado. Constatei que os autores da lei do 3 de Brumário do Ano 4, que garantiam à França uma instrução pública na sua Constituição, tinham estabelecido uma cadeira de Gramática Geral para todas as escolas centrais. Entendi por isso que eles consideravam que todas as línguas têm regras comuns que derivam da natureza das nossas faculdades intelectuais e das quais resultam os princípios do raciocínio. Entendi também que eles pensavam que é preciso visar essas regras sob a tripla relação da formação, da expressão e da dedução de ideias, para conhecer realmente a marcha da inteligência humana e que esse conhecimento não só é necessário para o estudo das línguas, mas ainda a única base sólida das ciências morais e políticas, das quais eles queriam, com razão, que todos os cidadãos tivessem ideias sãs, e mesmo profundas. Por conseguinte, a intenção deles era que, sob o nome de Gramática Geral, se fizesse na realidade um curso de ideologia, de gramática, de lógica, que, ao ensinar a filosofia da linguagem, servisse de introdução ao curso de moral privada e pública. Mas a lei não podia nem devia entrar nesses detalhes. Não se fizeram regulamentos de execução e creio que a maior parte dos cidadãos não sabia o que queriam ensinar aos seus filhos, que muitos dos próprios professores não faziam a menor ideia do ensino que esperavam da parte deles. De resto, quando o perceberam mais claramente, não tinham nenhum livro que pudesse servir de guia constante. Pensei então que faria algo útil se lhes

oferecesse um texto para comentarem, uma tela que preenchessem. Não duvidei que, no próprio decurso das suas lições, os cadernos de muitos deles rapidamente se tornassem excelentes tratados, tão úteis ao avanço da ciência quanto ao seu ensino.

Talvez me tenha enganado quanto a esse ponto, pois observei que ao furor de tudo destruir se sucedeu a mania de nada deixar estabelecer, que, sob o pretexto de odiar os erros da revolução, se declara a guerra a tudo o que de bom ela produziu. É uma moda que substituiu as nossas velhas boas canções. Outrora só se falava de reformas, de mudanças necessárias na educação. Hoje a educação é vista como no tempo de Carlos Magno. [Antigamente] ridicularizava-se a experiência sob o nome de rotina. Actualmente, acreditamos ter em grande conta os conhecimentos práticos ao desprezarmos as teorias que ignoramos. Defendemos seriamente que, para bem raciocinar, não é preciso conhecermos as nossas faculdades intelectuais e que o homem, em sociedade, não tem necessidade alguma de estudar os princípios da arte social. Cultivar a nossa própria razão e libertá-la do jugo dos preconceitos parecem ser como que algo gótico. De tal maneira que vimos alguns homens, desenfreados inovadores com uns bonés vermelhos na cabeça, acusarem os filósofos de serem uns reformadores tímidos, frios amigos do bem da humanidade, mas que agora os acusam de tudo terem alterado e que trabalham sem descanso para inverterem as instituições úteis que esses mesmos filósofos chegaram a conservar ou estabelecer no meio de murmúrios e proscricções;

E os pequenos pecados cometidos na sua tenra idade
Farão penitência ao oprimirem um sábio;

constantes apenas no aspecto de sempre perseguirem. No entanto, espero que a sabedoria do governo ponha fim a tal furor hipócrita, que diga aos doidos que podem muito bem atirar pedras às pessoas razoáveis, mas que não quer que eles os chateiem² e até que o seu exemplo os persuada que não devem contar com os aplausos dos espectadores por muito tempo. Estou muito convencido que tal aconteça e regozijar-me-ei na minha solidão. Todavia, no meio desta nova luta, podem estar alguns anos sem se ocuparem da ciência que trato e, por conseguinte, da minha obra; assim, é possível que, quando a leiam, já se tenham esquecido da mania actual. É por isso que o menciono aqui, de modo a que se lembrem, um dia, que isso retardou bastante o progresso dos nossos estudos, sem, contudo, arrefecer o nosso zelo ou alterar a nossa tranquilidade.

Continuei, pois, o meu trabalho tendo sobretudo em conta as escolas públicas e, particularmente, as escolas centrais. Creio até que, face ao estado da ciência e às numerosas imperfeições que não consegui remover da minha obra, é necessário que seja apresentada, comentada, inclusivamente corrigida, por um professor hábil, para que seja verdadeiramente útil. Pois, por mais que digam outra coisa, menos uma ciência avança, menos bem tratada foi e mais necessidade tem de ser ensinada. É o que me faz desejar fortemente que não se renuncie em França ao ensino das ciências

² Veja-se a fábula de La Fontaine «O Doido e o Sábio»: Diz-lhe este: «Amigo, fazes o que deves; Aqui tens um dobrão: justo é que o leves; Todo o trabalho é digno de salário.» (Trad. Port. Silva Gaião, Círculo de Leitores, 1997. NT.)

ideológicas, morais e políticas, que, no fundo, são ciências como as outras, com a única diferença de que aqueles que não as estudaram estão em boa-fé tão persuadidos de as conhecerem que acreditam estar em estado de decidir.³ Contudo, não deixo de ter a esperança de que um bom espírito sem preconceitos possa ler-me com proveito, e até sem auxílio alheio. Nesse caso, peço-lhe apenas que não pare no primeiro ponto que não goste, mas que vá até ao fim antes de me condenar, pois encontrará mais à frente desenvolvimentos que esclarecem dificuldades anteriores. Com esta precaução, lisonjeio-me por me compreenderem o suficiente para me aprovarem, se tiver razão, ou refutarem com conhecimento de causa, se estiver errado. Alcançar este último sucesso não parece ser muito apreciado. No entanto, está reservado àqueles que se exprimem com precisão rigorosa. É um género de mérito que nos coloca bem no caminho da verdade.

Resta-me justificar ter publicado a primeira parte destes elementos sem a segunda e a terceira. Sem dúvida, teria sido melhor não as separar, e lamento profundamente não as ter oferecido em conjunto pois estou convencido que as últimas partes lançam muita luz sobre a primeira e apoiam bastante a minha maneira de ver. Todavia, faço notar ao leitor que, propriamente falando, esta parte encerra em si toda a teoria e que quis sondar o seu juízo sobre os princípios antes de me entregar às aplicações. Se tiver a felicidade de receber boas críticas, se a minha maneira de analisar o

³ Com efeito, todos os homens as sabem em menor ou maior grau, tal como sabem o bastante de mecanicismo para se apoiarem sobre um bastão ou de física para soprar o fogo.

pensamento tiver de ser reformada, então a minha Gramática e a minha Lógica serão necessariamente modificadas e, por isso mesmo, se tornarão em seguida mais dignas de aprovação por parte dos conhecedores. Foi isso que me fez decidir. A perfeição está longe de nós. Tudo o que desejo é merecer que digam que fiz um pouco de bem. Se estivesse mais seguro, elogiaria os excelentes conselhos que recebi de vários homens esclarecidos que conheço intimamente e dedicaria esta obra a um verdadeiro amigo a quem estou particularmente em dívida pelo que pode haver de bom no que escrevi. Mas até que o público me julgue, recuso-me tal prazer, não quero associar nomes respeitáveis a um fracasso. Penso que nunca se deveria ter uma dedicatória numa primeira edição.

Mas, mesmo aceitando a minha discrição, talvez julguem que eu devesse, pelo menos, citar os autores cujas ideias por vezes apropriei. Confesso que, se não o fiz, foi porque na maior parte das vezes não me lembrei de a quem as fui buscar. De uma vez por todas, afirmo que há neste escrito muitas coisas que não são minhas. Uma vez mais, digo que gostaria realmente que acontecesse o mesmo com o resto: que tudo não fosse senão uma recolha de verdades já conhecidas e admitidas. Ocupar-me-ia com muito mais confiança e prazer a apurar conseqüências e a fazer aplicações.

(Tradução de Nuno Melim)